



Mais um na multidão: o Coletivo Sabotagem e a lógica multitudinária¹

Rodrigo de Oliveira Morais²

Escola de Comunicação – Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ)

Resumo

Nesse artigo procuramos compreender a atuação do Coletivo Sabotagem – grupo formado por ativistas brasileiros dedicados a distribuir de forma gratuita, pela Internet, o conteúdo digitalizado de livros protegidos legalmente – a partir do referencial marxista, recorrendo ao conceito de multidão elaborado por Antonio Negri. Notamos a importância da re-apropriação tecnológica nas lutas anticapitalistas, o papel da Internet como instituição do ‘intelecto geral’, as mudanças pelas quais passam a propriedade privada e a forma-mercadoria no paradigma da produção imaterial, bem como a questão da produção biopolítica na resistência multitudinária.

Palavras-chave

Multidão; biopolítica; resistência ; rede; Internet.

1. Sabotagem ou re-apropriação tecnológica?

Em artigo apresentado no Intercom de 2005³ examinamos o caso do coletivo Sabotagem, formado por ativistas brasileiros dedicados a distribuir de forma gratuita, pela Internet, o conteúdo digitalizado de livros, ignorando as determinações da lei que regulamenta os direitos autorais e a reprodução de obras intelectuais. Na ocasião, os principais instrumentos teóricos para nossa análise foram os conceitos de máquina de guerra, formulado por Deleuze e Guattari, e de Zona Autônoma Temporária (TAZ), criado por Hakim Bey. Procuramos, então, demonstrar que ambos são aplicáveis ao Sabotagem, entendido como exemplo de *contra-net*, termo que indica o uso clandestino, ilegal e rebelde da rede, nesse caso como forma de resistência político-cultural anticapitalista no espaço eletrônico. Após um período fora do ar, o Sabotagem retomou suas atividades para o público em nova página, com visual reformulado.⁴ Aproveitando o retorno do coletivo de sua estadia em Croácia⁵, revisitamos o tema no presente artigo

¹ Trabalho apresentado ao NP 08 – Tecnologias da Informação e da Comunicação, do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Jornalista e doutorando em Comunicação e Cultura (ECO-UFRJ). rmorais74@gmail.com

³ *www.sabotagem: pirataria ou resistência?*, apresentado no V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. O artigo pode ser encontrado na página do Sabotagem: <http://sabotagem.revolt.org/node/106>.

⁴ O endereço atual é <http://sabotagem.revolt.org/>. O coletivo já esteve hospedado em pelo menos dois outros provedores.

⁵ Os primeiros colonos britânicos na América teriam desaparecido, deixando uma única mensagem: “Fomos para Croácia”. Especula-se se eles teriam sido mortos pelos nativos ou se juntado a eles. Ao sair do ar, o Sabotagem deixou a mesma frase em seu antigo endereço na Internet. A referência se encontra em TAZ (http://www.hermetic.com/bey/taz_cont.html) : “We were taught in elementary school that the first settlements in Roanoke failed; the colonists disappeared, leaving behind them only the cryptic message ‘Gone to Croatan’.”



na tentativa de compreender a atuação do grupo a partir do referencial marxista, recorrendo à concepção de multidão elaborada por Antonio Negri.⁶

Antes de entrarmos no tema da multidão propriamente dito, porém, algumas considerações sobre o nome adotado pelo coletivo. Por coincidência, um famoso texto de Negri tem o título *Dominação e Sabotagem*. Recorremos aqui à menção a esse texto feita por Dyer-Whiteford em *Cibermarx*:

... os autonomistas também enfatizam que trabalhadores assalariados e não-assalariados não são apenas vítimas passivas da mudança tecnológica, mas agentes ativos que de modo persistente contestam as tentativas do capital de obter o controle. Essa contestação pode tomar duas formas. A primeira é a recusa total. Esse é o tema do mais famoso, e mais vilipendiado, dos textos autonomistas, *Dominação e Sabotagem*... Negri propõe que, confrontando a introdução de vastos sistemas de controle tecnológico semi-automatizado, estava fora de questão aceitar a necessidade de modernização... Em vez disso, os trabalhadores deveriam parar as inovações usadas contra eles – se necessário pela sabotagem. (1999, p. 70)

A ênfase nas possibilidades de sabotagem, observa Dyer-Witthford, é parte importante da tradição autonomista e a aproximaria do movimento neoludita.

O tema da sabotagem surge também em texto de Deleuze citado no artigo anterior. Recordaremos, brevemente, suas considerações. Deleuze estabelece relações entre tipos de máquinas e regimes políticos característicos de períodos históricos. Às antigas sociedades de soberania correspondem as máquinas simples, acionadas por alavancas e roldanas. Às sociedades disciplinares, as máquinas energéticas. Às sociedades do controle, as máquinas de informática e os computadores. Nas disciplinares, os perigos passivo e ativo para as máquinas eram, respectivamente, a entropia e a sabotagem. Nas de controle, o passivo é a interferência e os ativos, a introdução de vírus e a pirataria.

Esse terceiro período de organização do poder seria a época da política da comunicação, em que a luta crucial envolve o controle ou a libertação do sujeito da comunicação (LAZZARATO e NEGRI, 2001, p.39). Assim, a resistência anticapitalista, hoje, passaria pela reapropriação das máquinas de comunicação. A diferença entre a proposta autonomista e a neoludita, aponta Dyer-Witthford, está justamente na possibilidade de reapropriação tecnológica que aqueles advogam, na capacidade de uso subversivo dos instrumentos de informação, “revertendo o ciclo de informação em uma organização coletiva do conhecimento e da linguagem” (1999, p.

⁶ *Multidão, guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro, Record: 2005.



71). Diferentemente dos neoluditas, prossegue o autor, os autonomistas não compreendem a inovação científica como uma esfera sob o controle monolítico do capital, ainda que, diferenciando-se também dos socialistas científicos, não criam tampouco na idéia de progresso como algo inerente ao desenvolvimento tecnológico. O que implica afirmar que a tecnologia se presta à disputa entre o capital e as forças antagônicas a ele. Por essa razão, outras táticas podem ser opções mais interessantes do que a mera sabotagem, como veremos na citação abaixo. O irônico é que o coletivo Sabotagem não se dedica exatamente à sabotagem no sentido estrito.

No próprio curso da luta de classes, os trabalhadores não irão apenas, repetidamente, parar e sabotar as máquinas, mas também desafiar a habilidade unilateral do capital em implantar a sua lógica na tecnologia... a análise autonomista nos permite reconceber o processo de desconstrução e de reconstrução de tecnologias como parte mesmo do movimento de luta contra o capital. (DYER-WITHEFORD, 1999, p. 72)

Dyer-Witthford retoma a discussão de Marx a respeito da tensão entre a natureza social do desenvolvimento tecnocientífico e sua expropriação privada pelo capital. Marx previu que o impulso capitalista de dominação do trabalho vivo por meio das máquinas teria como consequência um peso mais decisivo do estado geral da ciência e do progresso tecnológico na criação de riquezas do que o tempo de trabalho e a quantidade de trabalho empregada. “O fator chave na produção será o conhecimento social necessário para a inovação tecnocientífica...” (1999, p. 4) Esse conhecimento recebe o nome de “intelecto geral”. Dois sistemas tecnológicos marcam a era do intelecto geral: as máquinas automáticas, que eliminariam o trabalho humano na fábrica, e as redes globais de transportes e de comunicação, capazes de conectar um mercado mundial. Esses instrumentos, que permitem ao capital um desenvolvimento sem precedentes, trariam em si, no entanto, forças erosivas para a base do domínio capitalista. A redução massiva da necessidade de trabalho, pela automação, subverteria a relação baseada no salário, instituto fundamental dessa forma social. Já as qualidades sociais dos novos sistemas tecnocientíficos transbordariam os parâmetros da propriedade privada, dada a necessidade de formas coletivas, comunicacionais e cooperativas para sua invenção e operação. Para Dyer-Witthford, o que temos hoje é uma disputa pelo intelecto geral, opondo vetores antagônicos em suas potencialidades, um deles associado ao trabalho e o outro, ao capital.



Todo um capítulo de *Cybermarx* é dedicado ao tema do intelecto geral. Do ponto de vista de Marx, a mais importante expressão do poder do intelecto geral é a crescente importância do maquinário (capital fixo) na organização social. Aqui, estaremos mais atentos ao segundo dos sistemas acima mencionados, focando as mídias e a comunicação. A questão a ser colocada é: de que forma os grupos e movimentos de anticapitalistas utilizam as tecnologias de informação para promover suas causas. Em nenhum outro lugar, afirma Dyer-Witheford, esse uso tem sido mais visível do que no campo das comunicações mediadas por computador. A Internet, diz ele, “é certamente a instituição quintessencial do ‘intelecto geral’” (1999, p. 228), na qual podemos observar intercâmbios globais que se assemelham a uma inteligência coletiva, policêntrica e comunicativamente conectada. Como não poderia deixar de ser, aqueles vetores antagônicos também se confrontam nesse campo.

2. Propriedade, mercadoria e resistência no paradigma de produção imaterial

Propomos que a atuação do Sabotagem está inserida em uma tradição, descontínua como ela possa ser, de autonomia e de recusa diante do capital, operando por meio da reapropriação tecnológica para libertar o sujeito da comunicação. Mas qual a base dessa operação? Como foi dito, a atividade principal do coletivo é a digitalização do conteúdo de livros legalmente protegidos e sua distribuição gratuita pela Internet.

A questão da reprodutibilidade digital de bens culturais mereceu a atenção de Negri em *Multidão*. Ele observa que a propriedade privada sempre se valeu da proteção policial, do Estado em sua defesa.⁷ Com as novas tecnologias, entretanto, novas questões se apresentam. No paradigma da produção imaterial, prossegue, a propriedade se torna mais volátil e mais difícil de controlar. Negri argumenta que a reprodutibilidade é um problema mais grave, do ponto de vista proprietário, do que a sabotagem e a corrupção da propriedade imaterial por meio de vírus, por exemplo. A reprodutibilidade, se não ameaça a propriedade em si, destrói seu caráter privado, sentencia o autor. A reprodução digital de arquivos musicais, de audiovisuais, de imagens ou de textos guarda uma diferença fundamental com relação ao que tradicionalmente poderíamos chamar de roubo: a propriedade original não é tomada de seu dono, mas multiplicada, potencialmente ao infinito, e tornada disponível em larga escala, a baixo custo, o que

⁷ A despeito das fantasias liberais de não-intervenção estatal.



solapa a concepção de escassez em que se baseia a propriedade privada. (Cf. NEGRI, 2005, p. 234-5)

Acrescentemos que, de nosso ponto de vista, a reprodutibilidade digital, pelas mesmas razões, solapa também a forma-mercadoria. Essa, como aponta Harry Cleaver (2000) em sua análise d'*O Capital*, constitui o próprio fundamento do capital. Isto é, por meio da imposição da forma-mercadoria o capital imporia, também, sua estrutura ideal: dependente do salário para comprar as mercadorias que lhe permite sobreviver, a maioria da população é forçada a vender parte de suas vidas como mercadoria (força de trabalho). Tal situação compulsória é mantida pela classe capitalista através do controle sobre os meios de produção. Desse modo, a forma-mercadoria traria em sua carne os genes da exploração do trabalho pelo capital e da própria dinâmica da luta de classes.

... podemos afirmar que no capitalismo o trabalho e todos os produtos do trabalho, obrigatoriamente, devem tomar a forma de mercadorias a serem vendidas. Cada mercadoria individual aparece como a forma elementar da riqueza capitalista. Temos aqui uma grave questão política: o poder do capital para impor a forma-mercadoria é o poder de manutenção do próprio sistema capitalista. (CLEAVER, 2000, p. XX)

O que pretendemos demonstrar é que iniciativas como a do coletivo Sabotagem⁸ atuam exatamente sobre essa “grave questão política”. Nossa hipótese é a de que elas, em diferentes graus de amplitude e de intensidade, minam a capacidade do capital para impor a forma-mercadoria e, conseqüentemente, representam uma ruptura em relação à lógica da manutenção do sistema. O que deve ficar claro é que partimos do pressuposto de que a forma-mercadoria é a forma básica da relação de classes. Não se trata de superestimar a capacidade do coletivo Sabotagem, mas de avaliar como, na configuração das forças de produção inaugurada pelos meios digitais, novos atores políticos, capazes de práticas igualmente originais, podem contribuir para a resistência ao capital de forma ativa.

Mencionamos o paradigma de produção imaterial. Devemos nos estender um pouco mais sobre o tema. Negri sustenta que o trabalho e a produção contemporâneos passam por uma transformação que emana do trabalho imaterial. Esse é definido como o trabalho que resulta em produtos imateriais, sejam eles informação, conhecimento, idéias, imagens, relacionamentos ou afetos. Negri é claro ao afirmar que a hegemonia

⁸ Negri usa como exemplo o caso Napster. “Vamos aqui muito mais longe que as concepções tradicionais de roubo ou pirataria, na medida em que não se trata apenas da transferência de propriedade de um proprietário para outro, mas de uma violação do caráter privado da própria propriedade – talvez uma espécie de pirataria social.” (2005, p. 235) As palavras servem, perfeitamente, ao Sabotagem.



do trabalho imaterial não se traduz de forma quantitativa, em números absolutos na composição da força de trabalho. Porém, como tendência dominante, o trabalho imaterial, as qualidades e as características da produção imaterial transformam as outras formas de trabalho e, conseqüentemente, toda a sociedade. O exemplo mais visível desse processo é a necessidade de informatização em praticamente todos os setores produtivos, para não dizermos de informatização de toda a sociedade. Em outras palavras, a quase onipresença das tecnologias de comunicação e de informação nos mais diversos aspectos da vida contemporânea.

A partir de uma “genealogia das lutas de libertação”, Negri sintetiza três princípios orientadores das formas de resistência. Vale a pena reproduzir suas palavras:

O primeiro princípio que orienta a genealogia refere-se à oportunidade histórica, vale dizer, à forma de resistência mais eficaz no combate a uma forma específica de poder. O segundo princípio estabelece uma correspondência entre formas de resistência em evolução e as transformações da produção econômica e social: em cada era, em outras palavras, verifica-se que o modelo de resistência mais eficaz tem a mesma forma que os modelos dominantes de produção econômica e social. O terceiro princípio a se manifestar refere-se simplesmente à democracia e à liberdade: cada nova forma de resistência destina-se a atacar as qualidades antidemocráticas das formas anteriores, criando uma cadeia de movimentos cada vez mais democráticos. (2005, p. 103)

Creemos ter ficado clara a relação entre as formas de resistência e o paradigma imaterial de produção. Se há uma forma de resistência mais eficaz, que deve corresponder ao modelo de produção dominante, ela deve operar hoje em redes de produção imaterial, caso estejamos de acordo com os pressupostos de Negri. Ele argumenta que entre o fim dos anos 1960 e o começo da década seguinte ocorreram transformações profundas na relação entre a organização dos movimentos e a organização da produção econômica e social. O modelo policêntrico de guerrilha, afirma, foi imediatamente transformado pelas tecnologias do pós-fordismo. Desse modo, os “novos movimentos guerrilheiros” começaram a ser definidos pelas redes de informação, cooperação e comunicação, eixos que fundamentam a produção pós-fordista. As tecnologias de comunicação e de informação como a Internet, prossegue, tornam-se não apenas instrumentos para esses movimentos, mas modelos para suas estruturas organizacionais. A forma policêntrica, então, evolui para uma forma em rede, em que não existe centro ou comando hierárquico unificado.

3. Multidão: corpo em rede da produção biopolítica

A luta em rede se relaciona de modo estreito com o conceito de multidão. O que Negri denomina poder imperial (diferente de imperialista) é uma nova forma de soberania global que se constitui na forma de um poder em rede, cujos pontos nodais são os Estados-nação dominantes, as instituições supranacionais (BID, FMI etc.), as grandes corporações capitalistas, entre outros. Esse Império seria hoje a única forma de poder capaz de preservar no longo prazo o *status quo* global. A alternativa que vem se constituindo dentro do Império, sempre seguindo o raciocínio de Negri, é a multidão. A globalização, diz o autor, pode ser entendida de modo simplificado como um processo de dupla face. Uma delas é o Império, que dissemina globalmente sua rede de hierarquias e divisões, promovendo a manutenção da ordem pelo controle e pelo conflito (guerra civil global permanente). A outra é a multidão: novos circuitos globais de cooperação e de colaboração que proporcionam infinitas oportunidades de encontros.

Esta segunda face da globalização não quer dizer que todos no mundo se tornem iguais; o que ela proporciona é a possibilidade de que, mesmo nos mantendo diferentes, descubramos pontos comuns que permitam que nos comuniquemos uns com os outros para que possamos agir conjuntamente. Também a multidão pode ser encarada como uma rede: uma rede aberta e em expansão na qual todas as diferenças podem ser expressas livre e igualitariamente, uma rede que proporciona os meios da convergência para que possamos trabalhar e viver em comum. (NEGRI, 2005, p. 12)

A multidão, portanto, compõe-se de múltiplas singularidades que, sem apagar suas diferenças, são capazes de constituir um território comum de luta. Assim, a multidão se diferencia do povo (diferenças apagadas em nome de uma identidade), da massa (cuja essência é a não diferenciação dos sujeitos) e, também, da classe operária.⁹ O conceito de multidão nos parece uma solução interessante para o problema que consiste em definir a classe operária como o sujeito histórico da transformação. A tradição autonomista vê com muitas reservas a redução do sujeito histórico revolucionário a uma classe definida pelo tipo de trabalho que exerce, como o trabalho operário nas fábricas. Seu esforço sempre foi o de incluir os demais trabalhadores, mesmo os não-assalariados, as donas-de-casa e os estudantes, os militantes das causas de gênero e de etnias no que poderíamos, por nossa própria conta, chamar de uma classe

⁹ Para detalhes sobre as diferenças entre multidão, povo, massa e classe operária ver Negri, 2005, p.12.



expandida. Enquanto classe operária é um conceito restritivo, excluindo o trabalhador agrícola, por exemplo, ou, em acepção mais ampla, excluindo aquele que não recebe salário, multidão, argumenta Negri, é um conceito aberto e abrangente, que leva em consideração as mudanças recentes da economia global, na qual o papel do operário fabril já não seria hegemônico.

Trazendo ao primeiro plano, uma vez mais, o paradigma imaterial de produção, Negri alerta os que hoje ainda concebem a produção exclusivamente em termos econômicos: a produção deve “ser encarada de maneira mais ampla como produção social – não apenas a produção de bens materiais, mas também a produção de comunicações, relações e formas de vida” (2005, p. 13). Essa produção, com ênfase não apenas econômica, mas social, em seus aspectos culturais e políticos, geradora de novas subjetividades, novos modos de ser e de estar, Negri denomina produção biopolítica. À medida que as características da produção biopolítica disseminaram-se pela sociedade, argumenta, a guerrilha passou a ter como objetivo direto a produção de subjetividade. “... não era apenas uma questão de conquistar ‘corações e mentes’, e sim de criar novos corações e mentes através da construção de novos circuitos de comunicação, novas formas de colaboração social e novos modos de interação” (2005, p. 118)

Uma das características da luta da multidão, define Negri, é que ela se dá no terreno biopolítico, resultando em novas subjetividades e novas formas de vida. Seus valores fundamentais, prossegue, são a criatividade, a comunicação e a cooperação auto-organizada. A meta deixa de ser a tomada do poder e passa a ser a produção biopolítica a partir do interior da própria organização. É importante ressaltar que Negri vê como ultrapassadas as formas tradicionais de organização e de luta. Ao abordar os atuais movimentos organizados em redes horizontais, o autor resalta a importância do ressurgimento dos movimentos anarquistas, com sua ênfase na necessidade de liberdade e organização democrática. Põe em relevo também os “movimentos de globalização”, que a mídia empresarial insiste em chamar de antiglobalização, ao passo que outros veículos de imprensa os denominam altermundistas. Para Negri, eles “constituem o exemplo mais claro [e mais avançado] até hoje de organizações disseminadas em rede” (2005, p. 125)

Um dos elementos mais surpreendentes dos acontecimentos de Seattle em novembro de 1999 e em cada uma das grandes manifestações ocorridas desde então é o fato de que grupos que até então considerávamos diferentes e até



contraditórios em seus interesses agiam em comum – ambientalistas com sindicalistas, anarquistas com grupos religiosos, gays e lésbicas com os que protestavam contra o complexo carcerário-industrial. Os grupos não se apresentam unidos sob qualquer autoridade única, antes se relacionando numa estrutura em rede. Os fóruns sociais, os grupos de afinidade e outras formas de processos decisórios democráticos constituem a base desses movimentos, que conseguem agir conjuntamente de acordo com o que têm em comum. Por isso é que se denominam “movimento dos movimentos”. (NEGRI, 2005, p. 125)

4. Sabote!

E nesse ponto retornamos ao coletivo Sabotagem. Primeiro para enfatizar seu caráter anarquista. Em segundo lugar, para destacar sua inserção no movimento global, como atestam sua chamada para manifestações contra o recente encontro do G-8 na Alemanha e a divulgação de imagens e de textos sobre os protestos lá realizados, produzidos pelo Centro de Mídia Independente (CMI) de Portugal (não nos esqueçamos que o CMI é fruto direto dos acontecimentos de 1999 em Seattle). Essa articulação global com o “movimento dos movimentos” pode ser percebida na relação de links oferecidos pelo Sabotagem. Além do CMI, vemos em destaque o do Linux-GNU, dos Black Blocs, da Fundação Wu Ming, do coletivo italiano Autistici/Inventati, da Riseup.net, da Revolt.org, entre outras organizações envolvidas na luta comum a que Negri se refere. Há também uma página com quase 200 links que levam a grupos sediados em diversos países, dividida nas seguintes categorias: Anti-Consumo; Arte Rebelde; Contra-Ataque; Direito Autoral?; Eco-Intervenção; Editoras Libertárias; Quadrinhos; Mídia Livre; Mutualidade; Web-Plagianismo; Rádios-Livres (Brasil e mundo); Redes de Troca; Softwares; Resistência Autóctone; Squat & Ocupa; Vídeo, Torrenteca; Web TV; Achados e Perdidos.

Negri reconhece as limitações desses movimentos de protestos, observa que as limitações podem configurar apenas obstáculos temporários, mas considera mais importante em sua análise a forma. Mais uma vez, em busca de um bom “modelo para a multidão”, recorre à Internet. “... os vários pontos nodais se mantêm diferentes, mas estão todos conectados na rede,... as fronteiras externas da rede são de tal forma abertas que novos pontos nodais e novas relações podem estar sendo constantemente acrescentados” (2005, p.14). A estrutura disseminada em rede, afirma, constitui o modelo de uma organização absolutamente democrática, correspondente às formas dominantes de produção econômica e social. E, conclui, é a mais poderosa arma contra a estrutura atual de poder.



Observemos, ainda, que, atuando sob a direta influência do paradigma imaterial, produzindo e disseminando não apenas informações, idéias e conhecimento, mas também estabelecendo redes afetivas e de relações, produzindo novas subjetividades, o Sabotagem se encaixa, do nosso ponto de vista, como um caso típico da produção biopolítica que marca a luta da multidão, esse corpo em rede. Notemos que, desde suas primeiras encarnações, o Sabotagem sempre promoveu fóruns e listas de discussão bastante movimentados, além de ter gerado uma comunidade no Orkut. Formada em abril de 2005, conta atualmente com 192 membros. Seja no site do coletivo ou na comunidade orkutiana, são constantes as trocas de informações sobre os métodos de pirateamento de dados. Em 23 de março, o usuário do Orkut identificado como Ed Bello, inicia um tópico de discussão com o tema “Como enviar um livro já digitalizado?”. O corpo da mensagem dizia: “Salve, seguinte... procurando um livro para a faculdade, não o encontrei no Sabotagem, mas achei no site da Universidade Federal do Paraná. Inteirinho em PDF, revisado... Queria saber como faço para disponibiliza-lo no Coletivo. Abraços.” Marcus Vinícius responde: “Você tem que ser cadastrado no site. Depois de fazer o *login* é só ir em Sabote! que fica do lado esquerdo da página e clicar em criar conteúdo.” (sic) São comuns também os pedidos de livros digitalizados diretamente entre os integrantes da comunidade, que estabelecem assim relações de troca. A interação entre pessoas interessadas na atividade do Sabotagem, que não necessariamente pertencem ao coletivo, acaba por ensejar a formação de laços afetivos. Ainda que essas pessoas não venham a se encontrar presencialmente, nada impede que colaborem pela rede, como tivemos a oportunidade de testemunhar em diversas oportunidades. De fato, contrariando certo senso comum, aquele segundo o qual as máquinas comunicacionais isolam os homens na virtualidade em vez de integrá-los na atualidade, elas chegam a ter encontros reais.¹⁰

¹⁰ O presente artigo é o resultado de nossa pesquisa de doutorado na Escola de Comunicação da UFRJ, ainda em estágio inicial. Procuramos, aqui, apontar algumas linhas teóricas e de campo a serem ampliadas e aprofundadas, conscientes do longo percurso a ser percorrido. Teremos prazer em apresentar seu desenvolvimento às próximas edições do Intercom.



Referências bibliográficas:

BEY, Hakim. *TAZ – Zona Autônoma Temporária*. São Paulo: Conrad, 2001.

CLEAVER, Harry. *Reading Capital politically*. London: AK Press, 2000.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil Platôs* vols. 1 e 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DYER-WITHFORD, Nick. *Cybermarx*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press: 1999.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *Multidão*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LAZZARATO, Maurizio e NEGRI, Antonio. *Trabalho Imaterial – Formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MORAIS, R.O. *www.sabotagem: pirataria ou resistência?* Artigo publicado nos anais do XXVIII Intercom.